



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Evidências da representatividade dos esportes de aventura no cenário sociocultural contemporâneo: um estudo do papel do esporte de aventura perante a sociedade

Nome: Guilherme Bertoncello Oliveira Azevedo

Vinculação Institucional: Graduado pela ESPM

Resumo

Neste projeto, estabelecemos como objetivo principal a discussão entre a representatividade simbólica dos esportes de aventura na sociedade e os elementos de comunicação dos mesmos. Fatores como a posição sociocultural dos praticantes de esportes de aventura e sua representatividade perante um contexto social embasadas sob a ótica de um contexto histórico cultural, desejos e anseios antropológicos evidenciados na comunicação e midiatização do tema atualmente, emergem como argumentos que sustentam a tese do artigo. Para isso, utilizaremos autores como o historiador Willian Cronon (1996), Finotti (2004), Morin (1962).

Palavras-chave: esporte de aventura; *lifestyle*; *wilderness*; antropologia;

O artigo a seguir discorre da importância do esporte em nossa sociedade, passando pelas esferas da *Wilderness*, *do lifestyle* e dos esportes de aventura para constituir uma mensagem final a ser passada, evidenciada por argumentos históricos, acadêmicos e depoimentos.

Toda essa conjuntura tem por objetivo defender um ponto de vista sobre a representatividade dos esportes radicais perante a sociedade em paralelo a condições que reforçam a condição natural do homem, passando por quatro sub capítulos: *Wilderness*, *Lifestyle*, esportes de aventura e conclusão.

1.1 Wilderness

A posse do que será explicado neste subcapítulo referente ao que se é tratado como *Wilderness* é de extrema importância para entendermos o surgimento do conceito, da imagem e da concepção existente perante a esse tema que permeia a universo de esportes de aventura, um elemento fundamental para a



prática: a natureza.

O tema em questão aborda um conceito, conhecido no meio de esportes de aventura como *Wilderness* (*Natural environment on earth that has not been significantly modified by civilized human activity*), caracterizado pela relação natural do homem com a Terra que não foi afetada de forma significativa pela atividade humana civilizada, pretexto da interação do homem com a natureza a partir da prática desse tipo de esporte, que será detalhada adiante. Entretanto, de acordo com *The trouble with wilderness: or, getting back to the wrong nature*¹ (1996), de Willian Cronon, a concepção deste conceito nada mais é que uma criação do homem. De acordo com o autor, este local imaginário não representa de fato, a real natureza da Terra:

Wilderness esconde sua artificialidade por trás de uma máscara sedutora porque parece extremamente natural. Da mesma forma que olhamos para o espelho e acreditamos estar olhando para nós mesmos, nós facilmente acreditamos que o que contemplamos é realmente a natureza, quando na verdade o que vemos é o reflexo de nossos anseios e desejos não examinados. (CRONON, 1996, p.8)

Nota-se assim, ao se tratar deste tema, a análise fragmentada do que realmente constitui-se a natureza, visto que esta percepção aborda a questão por uma determinada perspectiva, apenas. No decorrer do texto, o autor lembra de sensações promovidas por essa perspectiva como comuns para grande parte das pessoas, como por exemplo a contemplação “de uma grande quantidade de água indo ao encontro de um rio no meio da Serra Nevada, onde as gotículas de água formam, junto com a incidência da luz, um arco-íris suspenso no ar” (CRONON, 1996). Assim, o autor comenta que a padronização de sentimentos, sensações e principalmente memórias, nas inúmeras construções de ambientes e momentos selecionados pela sociedade, como únicas variáveis constituintes da natureza, o que na verdade, demonstra a falta de autenticidade e integridade na maneira que a natureza é tratada.

Cronon comenta a mudança de significância da expressão *wilderness* durante a história. No princípio, o termo se referia a impotência do homem em relação a natureza, das situações de terror e perturbação, muito utilizada em textos bíblicos nos quais esta questão era tratada como forma de punição, visto que estar em contato com a natureza nesta situação provinha de estar contra a própria vontade, no qual medos e temores tomavam conta do ser. Entretanto, com o passar dos

¹ http://www.williamcronon.net/writing/Trouble_with_Wilderness_Main.html. Acesso em janeiro de 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

anos, a discussão sobre *wilderness* ganhou outro propósito. Com o intuito de promover a preservação a natureza, a idealização da mesma como um ambiente sagrado, o termo começou a carregar valores morais e símbolos culturais que passaram a transmitir uma impressão positiva para sociedade, uma visão mais próxima ao cotidiano dos moradores das cidades, de modo a criar familiaridade ao sustentar uma relação mais doméstica, menos desconhecida, segundo o autor, entre natureza (antes selvagem) e metropolitanos.

O fato é que com o passar dos anos, a ideia de ambientes e paisagens tornou-se produto de uma doutrina predominantemente sustentada no sublime. Campanhas publicitárias e turísticas se embasaram nesta forma de retratar a natureza por longos períodos, atribuindo genericamente a noção de natureza, a partir de determinadas paisagens.

Paisagens sublimes eram raros lugares na terra onde se tinha mais chance de que em outros lugares para vislumbrar o rosto de Deus. [...] Ele seria encontrado mais frequentemente nestas vastas e poderosas paisagens, onde não se podia deixar se sentir insignificante e ser lembrado de sua própria mortalidade. (...) Deus estava no topo da montanha, no abismo, na cachoeira, no arco-íris, no por do sol, nas nuvens. (CRONON, 1996, p.10)

Conforme o autor comenta, a construção de uma imagem em relação ao que seria supostamente o gênio da natureza criou fundamento para a concepção do que hoje pode vir a ser chamado de *wilderness*. Neste contexto, nesta situação que a capacidade de percepção da sociedade tende a direcionar a representação da natureza a partir da elaboração fragmentada sobre a constituição deste meio, o produto cultural provindo desta construção desperta o interesse de uma determinada parcela da sociedade, chamando a atenção para uma demanda por esse tipo de conteúdo. Mas antes de entender a origem deste interesse, e o por que ele suscita a curiosidade de tantos espectadores, é fundamental a compreensão de como esse universo foi constituído.

De acordo com Cronon (1996), além de uma perspectiva romântica sobre a natureza, uma visão mais domesticada do que se tratava como sublime também beneficiou a criação deste produto cultural:

Mas mesmo quando começou a incorporar o impressionante poder do sublime, o selvagem também estava sendo domado-não somente por aqueles que estavam construindo assentamentos em seu meio, mas por aqueles que mais celebraram a sua beleza inumana. Pela segunda metade do século dezanove, o terrível temor que Wordsworth e Thoreau atribuíam como a postura piedosa mais apropriada para ser adotada na presença de seu Deus (cume da montanha) estava sendo substituída



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

por uma conduta muito mais confortável, quase sentimental. Enquanto mais e mais turistas buscavam o selvagem como um espetáculo para ser visto e admirado por sua grande beleza, o sublime em efeito se tornou domesticado. O selvagem ainda era sagrado, mas os sentimentos religiosos que ele invocava eram mais semelhantes aos de simples e agradáveis igrejas do que os invocados por uma grande catedral natural ou um grande retiro desértico. (CRONON, 1996, p.12)²

Conforme o acerto acima comenta, o que se era tratado como sublime e sobrenatural ganhou uma característica mais próxima do que se vivia naquela época, uma forma de criar empatia com o tema em questão.

Percebe-se que a partir desse momento, a mensagem ganhou um cunho mais confortável na forma que era tratada, em que a identificação com a natureza ganhava uma influência de estímulos que faziam parte da sociedade daquela época, entretanto mantendo os valores sublimes da relação entre os antecessores à civilização do século XIX. A aproximação do que antes era distante, desconhecido e tratado a partir de sentimentos provindos do medo, serviu como possibilidade para uma interpretação mais domesticável sobre a relação com a natureza.

Aqui, o processo de domesticação da mesma passou a ser construído de forma cultural, abordado de forma mais constante pela sociedade e modelado de acordo com interesses sociais.

1.2 Lifestyle

A introdução do tema *lifestyle* para congregar o objetivo do artigo é essencial pois conforme será discorrido, o modo de vida de um praticante de esportes de aventura constitui determinado *lifestyle*, assunto no qual contém informações, comportamentos e características que colaboram com na elaboração da representatividade simbólica desse praticante no contexto sociocultural.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Para isso, é necessário denominar o que se julga *lifestyle*. De acordo com Marcelo Finotti³, redator do mestrado *Estilos de vida: uma contribuição ao estudo de segmentação de mercado*, existem inúmeras definições para o termo, que abordam esferas sociais, antropológicas e psicológicas, concluindo assim que é algo muito mais subjetivo do que parece. A definição escolhida para sustentar a argumentação desse tema é a análise de Valette-Florence, pautada por três níveis:

O nível mais seguro encontram-se os valores individuais, ou seja, as impressões fechadas e duradouras de que um modo de comportamento específico ou um fim na existência é melhor que o outro. Ao nível mais intermediário, encontram-se as atividades, interesses e opiniões próprios de um indivíduo e reveladoras do seu sistema de valores; menos estáveis que os valores, estão contudo, mais próximos do comportamento de compra. Ao nível periférico, situa-se o conjunto de produtos comprados e consumidos, que são reflexos efêmeros dos níveis precedentes. (VALETTE-FLORENCE, 1988, p. 97, apud FINOTTI, 2004, p.14)

A amplitude dessa definição é primordial para entender que um estilo de vida reflete, sobre diferentes intensidades e sobre intervalos de tempo distintos, algo sobre o homem. Transmite a ideia que os estilos podem mudar, com mais facilidade ou não, de acordo com os níveis propostos, que simbolicamente, remetem a importância de cada estímulo sob o nível social, antropológico e psicológico de cada um. Demonstra como fatores externos ressoam na constituição do homem sob os três aspectos anteriores e como essas motivações cotidianas auxiliam na escolha de um modo de viver. O estilo de vida nesse sentido tem o objetivo de identificar a comunicação de um sujeito com o mundo, como ele porta e comporta perante as coisas a seu redor.

Desta forma, entender *lifestyle* significa ter consciência que a constituição do mesmo surge de situações em que se faz presente o raio de percepção e atuação do ser humano, seja de forma direta, participativa (ativa) ou indireta, contemplativa (passiva); que esse raio está sujeito a fatores de espaço e tempo. Assim, o estilo de vida de esportistas é moldado a partir de motivações externas, situações em que estes se submetem direta ou indiretamente. Toda essa constituição do universo de cada um mensura o que pode ou não fazer parte de um *lifestyle*, o que cada um se apropria ou não.

³ FINOTTI, Marcelo Abid. *Estilos de vida: uma contribuição da segmentação de mercado*. (2204) - Dissertação de Mestrado - Fac. De Economia, Administração e Contabilidade/USP = São Paulo. Acesso em abril de 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

1.3 Esporte de aventura: esportes radicais

O esporte radical ou o esporte de aventura esta extremamente presente na mídia atual, em canais de TV, vídeos na internet, propagandas, entre outros, na maior parte das vezes sendo praticado em meio a natureza e a cenários paradisíacos, como ferramenta de “ exploração “ a esse meio. Esse contexto, produto final de uma forte evidência que contribui no entendimento da representatividade do esportista radical em um cenário sociocultural, será desconstruído de forma sucinta a ponto de proporcionar a compreensão do universo lúdico em que o aventureiro é o protagonista, e as principais características e comportamentos que estimulam, genericamente, o interesse e desejo pela prática deste tipo de atividade.

Retomando Cronon (1996), este delimita o início dessa relação entre os esportes de aventura e a presença constante do meio ambiente na prática do mesmo a partir de um mito americano estratificado na sociedade americana da época.

Além do movimento cultural romântico ao sublime, comentado anteriormente, esta não foi a única influência que ajudou a transformar e disseminar a ideia de *wilderness* como sagrada e ícone americano ao longo do século XIX.

Não menos importante foi a poderosa e romântica atração do primitivismo, datada como o melhor antídoto para os males de uma sociedade excessivamente padronizada e civilizada, voltando a uma vida mais primitiva. Nos Estados Unidos, isso foi personificado mais incisivamente no mito nacional da fronteira. (CRONON, 1996, p.13)⁴

A ideia de um movimento cultural atraído pela ideia do primitivismo e da vida considerada mais simples de nossos antepassados foi sustentada por um mito cultural americano muito conhecido: o mito da fronteira. Este, como relatado pelo autor Frederick Turner, em 1893, é considerado uma referência para a história americana. No texto, Turner (in CRONON, 1996) conta a história da colonização dos Estados Unidos, em que imigrantes europeus e uma parcela da comunidade que vivia no leste da colônia adentraram em uma empreitada ao desconhecido e as terras selvagens do que os



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

mesmos chamavam de fronteira, superando as armadilhas das civilizações que lá viviam, de modo a redescobrir o lado primitivo do homem, reinventar as instituições democráticas americanas e se reafirmar como um povo com vigor, independente e criativo, fonte da democracia americana e caráter nacional. Sobre esta perspectiva, o lado *wild* do país (da fronteira na época) passou de um lugar não apenas de redenção religiosa, mas de renovação do espírito nacionalista, um local por excelência para experimentar o que era ser americano.

Além deste orgulho nacionalista que permeava o mito da fronteira, outro elemento central era salientado pela estória: o fato de que a *Wilderness* era o último estímulo que incitava o individualismo humano. “Ao fugir para as margens das terras e sociedades já estabelecidas- assim diz a história- um indivíduo poderia escapar do estrangulamento confinador da vida civilizada”, (CRONON, 1996)⁵. Conforme relata o trecho, a motivação individualista instintiva inerente ao homem só era possível em um ambiente externo a metrópole.

O processo de escape do homem da sociedade civilizada para uma nova perspectiva de vida, o caminho para a fronteira como uma escolha remeteu lembranças nostálgicas aos escritores que vieram após essa época. Estes que celebravam o individualismo fronteiro lamentavam não apenas o fim desta época como a passagem dos homens e heróis que encarnaram esse estilo de vida. Thus Owen Wister na introdução de sua novela *The Virginians*, escreveu sobre esse mundo desaparecido em que o cavaleiro, o vaqueiro, o último romântico remanescente em nosso solo, viveu sua história no passado e nunca voltará de novo. Para Wister:

O vaqueiro era um homem de palavra (“Wall Street teria o considerado atrasado”), o qual não falava obscenamente com as mulheres (“Newport teria o considerado antiquado”), o qual trabalhava e brincava muito, e do qual “horas não governadas não diminuíam sua masculinidade”.. (WISTER apud CRONON, 1996, p.14)⁶

Além dele, Theodore Roosevelt também comenta sobre esse estereótipo:

Lá ele passa seus dias, lá ele faz o trabalho de sua vida, lá, quando ele encontra a morte, ele à enfrenta como se fosse qualquer outro mal, sem queixas e com uma quieta força de espírito moral. Valente, hospitaleiro, resistente e aventureiro, ele é um severo pioneiro da nossa corrida; ele prepara o caminho para a civilização, mesmo antes de quem o defrontar não consiga encontrá-lo. Apesar de sua difícil e perigosa existência, ela ainda possui uma selvagem atração que fortemente chama seu lado audaz, seu espírito livre. (Roosevelt apud CRONON, 1996, p.14)⁷



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Os dois textos relatam o surgimento e a caracterização, por parte de formadores de opinião da época, o estereótipo do que representa o *cow-boy* para a história americana. Discorrendo sobre tal personagem, ambos comentam a virilidade do homem da fronteira, de um personagem heroicamente masculino, que circula em um ambiente prestigiado, imaginético e desconhecido pela sociedade da época como se estivesse em casa. Um ambiente que passou a estar em um patamar de reconhecimento por parte da população, uma construção cultural (comentada anteriormente) que remete a ideia de origem tanto da sociedade em questão, como a da primitividade do homem em si. Para os Estados Unidos e toda a sua produção cultural, o *cow-boy* representavam um símbolo mitológico, um ícone lendário na busca pelo domínio de seu território e por consequência, o domínio de si.

A fase pós-fronteira, caracterizada por Cronon (1996) como uma ambivalência fruto dessa dualidade de estilos de vida propostos, sugere tal ideia:

Se ver as terras fronteiriças como livres, verdadeiras e mais naturais que as da cidade, surge a oposição de que as construídas por um cenário urbano industrial são falsas, confinantes, coletivas, sem identidade. Assim sendo, com todo esse desconforto, as terras fronteiriças, inabitadas, são um lugar melhor. (CRONON, 1996, p.14)

Em relação a essa vertente de pensamento, Cronon relata esta dicotomia como fator influente em uma construção de concepção entre o lugar natural do homem e o espaço que ele convive hoje em dia, as atuais cidades, lugares diferentes do que se julgava como natural. Consequência desse dualismo, devido ao fim da época da fronteira e das terras desbravadas, este imaginário estilo de vida fronteiriço aclamado por muitos somado a tendências sociais mais feminizadas, de acordo com Cronon, ofuscaram a idealização e da possibilidade de exercer o heroísmo masculino proposto pelo mito da fronteira, caracterizado anteriormente. Como válvula de escape para esta falta de oportunidade, estes homens, normalmente endinheirados, se deslocavam para as áreas afastadas da cidade em busca de exercitar estas práticas nas quais julgavam serem intrínsecas ao seu individualismo e masculinidade. “ A fronteira pode ter desaparecido, mas a experiência da fronteira poderia ser provada apenas onde a *wilderness* estivesse preservada ” (CRONON, 1996).

O trecho a seguir relata a dinâmica desses grupos ao se depararem com o que julgavam *Wilderness*:



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Wilderness de repente emerge como o panorama de escolha para os turistas de elite, que trouxeram com eles ideias chocantemente urbanas das zonas rurais pelas quais eles viajavam. Para eles, a terra selvagem não era lugar de trabalho produtivo e nem uma casa permanente; pelo contrário, era lugar de recreação. (...) Somente dessa maneira, *wilderness* veio a incorporar o mito da fronteira nacional, simbolizar a liberdade selvagem do passado americano e parecendo representar uma alternativa natural extremamente atrativa compara a civilização moderna feia e artificial. (CRONON, 1996, p. 15)⁸

Essa conjuntura social, provinda da dicotomia entre o que se considerava natural e que não passou a ganhar mais influência com o frequentar dos grupos urbanos ao campo, que sob a ótica de visitante, ou seja, uma percepção superficial sobre o meio, delimitavam como essas terras poderiam ser utilizada por esse público de modo a satisfazer os desejos e fantasias do mesmo, contidos sob um passado de orgulho para essa sociedade, pautadas pelo mito da fronteira e o espírito livre atrelado a esse imaginário, que depois passaram a não existir mais por conta da civilização deste espaço. Desta forma a representação dessas terras como um emblema desta filosofia, as áreas afastadas se mostraram uma válvula de escape para a vida na cidade, considerada feia. Conforme o acerto comenta, ironia ou não, este contexto natural criado era o reflexo da civilização que os mesmos tentavam escapar, frutos de sua própria produção e não da real realidade que era a vida no campo. Pensando na explanação feita no subcapítulo de *Lifestyle*, o esportista aventureiro tenta se apropriar deste universo imaginário para estorificar e aplicar sua forma de viver e expurgar seus desejos e anseios.

Conforme dito, essa ideia dicotômica criada entre essas duas “naturezas”, esses dois meio-ambientes, provindas de uma construção cultural, incitam uma presunção de existirem lugares certos para determinadas práticas, no caso desta situação se pode utilizar o exemplo das praticas esportivas, tema pautado no artigo.

Esta suposição provém, além dos relatos de Cronon, de uma reflexão sobre a leitura do livro de Edgar Morin, *Culturas de massas no século XX: espírito do tempo 1 - Neurose (1962)*, em que o autor reflete sobre o espaço do esporte na sociedade como um ambiente onírico, representado pelo conflito do homem cotidiano e de seus desejos e instintos oprimidos, ideia semelhante a abordagem de Cronon.

Atualmente, pode-se mesmo considerar o esporte como a única saída concreta para o instinto de combate. Em sentido mais amplo, só uma civilização de jogos seria



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

capaz de drenar inofensivamente a enorme necessidade de afirmação ofensiva reprimida.
(MORIN, 1962, p. 102)

Nota-se assim, a sinergia desses sentimentos sendo expurgados por determinadas práticas, em que no esporte, este é alicerce para liberar fantasias e sonhos, sentimentos relacionados a algo que não pertence ao “mundo real”, é onírico. O contexto remete a dualidade proposta por Cronon ao se pensar sob o que é natural ou não com o fato de determinadas práticas primitivas e instintivas do homem só poderem ser exercitadas dentro de determinadas circunstâncias, sobre o embate traduzido pela representação simbólica do *cow-boy* mas agora amenizada, apaziguada pela domesticação do homem sob a natureza, fato comentado no primeiro sub capítulo deste artigo. Desta forma, a “democratização” deste espaço, reflexo da possibilidade de se fazer uso recreativo do que se é chamado de natureza, propiciou a criação de um campo em que o esportista radical tomou papel do *cowboy*, com o imaginário desse praticante sendo influenciado pela memória social do posto do *cowboy*, em um espaço destinado e emblematizado pela prática fronteiriça.

Mas toda essa explanação que foge por um período do tema esporte de aventura tem um motivo. A compreensão do que a história construiu sob o aspecto de natureza e esportes radicais auxilia a entender que mesmo como um produto cultural, essa relação do homem com seu habitat natural se mostra muito realista e presente dentro de sua natureza.

O documentário *The Search For Freedom* de Jon Long, de 2015, que tem o objetivo de mostrar “como viver no momento e fazer o que te faz mais vivo poder ser a chave para a liberdade”⁹, relata e documenta o surgimento dos esportes radicais sob a ótica de quem os criou e de quem os pratica, de forma a trazer maior proximidade do espectador com o tema, de traduzir da forma mais direta, sem intermediários, a questão da relação desses esportes com a natureza, com seus estilos de vida e o impacto da prática sob a própria pessoa.

Extraído do documentário, o depoimento do paraquedista *Jonh Singleman* consolida as motivações de um praticante de esportes de aventura:

⁹Documentário *The Search For Freedom* de Jon Long, de 2015, www.searchforfreedom.com. Acesso em janeiro de 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Todos os dias, eu estou envolvido em um caminho, é um caminho crítico, a vida de alguém depende das decisões e ações que eu tomo. E eu me vi em um caminho predeterminado. Um caminho da carreira medicinal. E quando eu fui levado para *wilderness* pela primeira vez, meu caminho foi desviado. Desviou a minha vida. Foi uma experiência libertadora que acabou explodindo a minha vida confortável em um milhão de pedacinhos. (...) Para mim, toda aventura é uma metáfora para a viagem dentro de você, conhecendo os cantos mais escuros, mais remotos de sua própria psique, e às vezes isso significa ir muito, muito, fora de sua zona de conforto. Então comecei a perseguir o medo, o domínio do medo.

O trecho final de seu depoimento enuncia um fator fundamental para o entendimento da relação entre a natureza, o homem e o esporte. O fato de ele justificar que as aventuras são uma metáfora para uma viagem interna, que o instiga a conhecer lados de sua psique que o mesmo jamais conhecia, define uma postura de autoconhecimento e autocontrole, um domínio de si que o permitiu adentrar aventuras radicais e domar seus próprios instintos. De certa forma, a idealização feita não se mostra ser uma novidade, um aspecto das características que estereotipavam a mensagem do cowboy, ponderada por um “herói” com pleno domínio de si em um espaço desconhecido, inexplorado.

1.4 Conclusão

Passando por estes três subtemas que auxiliam na constituição do entendimento do objetivo deste artigo, a discussão entre a representatividade simbólica dos esportes de aventura na sociedade e os elementos de comunicação dos mesmos, o tema em questão é evidenciado em diversas esferas do comportamento humano. Desde a imagem que um praticante de esportes de aventura passa aos seus próximos, de um contexto histórico cultural que moldou, a forma de expurgar determinados desejos e anseios intrínsecos a natureza do homem, até a consolidação da forma como essas variáveis são aplicadas atualmente, no caso, através de esportes radicais.

Sob esse viés, a dinâmica de representatividade e simbolismo proporcionada pelos praticantes permeia diversas áreas do homem social atual, nos âmbitos mais superficiais e profundos da psique e dos comportamentos de cada indivíduo. Assim, o objetivo deste artigo teve este propósito: evidenciar a influência e o papel do esporte de aventura no comportamento humano da sociedade contemporânea.

Referências



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

CRONON, Willian. **Trouble with wilderness: getting back to the wrong nature:** . EUA: Forest history society, 1996.

FINOTTI, Marcelo. **Estilos de vida: uma contribuição ao estudo de segmentação de mercado:** . São Paulo: USP, 2004.

MORIN, Edgar: **Cultura de massa no século XX, Neurose V.1.** Brasil, Forense, 1994

JOHN, Long: **The search for freedom.** EUA, Sony, 2013